

A periferia como centro: táticas ativistas para criação estético-cultural nos campos da arte, da moda e do design

The Periphery as a Center: Activist Tactics for Aesthetic and Cultural
Production in Art, Fashion, and Design

Cristiany Soares dos Santos¹
Daniela Novelli²

Resumo

As periferias do Rio de Janeiro são historicamente constituídas como territórios estigmatizados, associados à marginalidade, à precariedade e à desordem, o que resulta na deslegitimação simbólica e estética de produções culturais desenvolvidas nesses espaços. Diante desse cenário, o presente estudo tem como objetivo propor táticas ativistas que visam potencializar produções estético-culturais elaboradas em espaços periféricos, de forma que estas permitam a compreensão de tais territórios como campos de potência criativa, política e estética. A pesquisa adota uma abordagem descritiva, qualitativa e aplicada, fundamentada em levantamento bibliográfico e documental, bem como em pesquisa de campo que inclui entrevistas com criativos negros e periféricos do Rio de Janeiro. Os resultados indicam que as táticas, formadas a partir de bases ativistas ancoradas no quilombismo, no afroempreendedorismo e no ciberativismo, contribuem para o fortalecimento do território enquanto espaço de produção de saberes e visualidades, ao articularem coletividade, autonomia econômica e disputa simbólica nos campos criativos. Dessa forma, o estudo reafirma as periferias como centros ativos de produção cultural, política e estética, capazes de proporem enfrentamentos concretos às estruturas excludentes que organizam os campos da arte, da moda e do design.

Palavras-chave: Territórios periféricos; Táticas ativistas; Produções criativas.

Abstract

The peripheral areas of Rio de Janeiro have historically been constructed as stigmatized territories, associated with marginality, precarity, and disorder, resulting in the symbolic and aesthetic delegitimization of cultural productions emerging from these spaces. In response to this context, this study aims to propose activist

1

Doutoranda em Design pela UDESC, com mestrado em Design de Vestuário e Moda (2024), pesquisando temas como moda, design, decolonialidade e raça, com abordagem crítica, interseccional e voltada à diversidade estética e cultural.

2

Pós-doutora pela Université Paris-Sorbonne (CRIMIC) e doutora em Ciências Humanas pela UFSC, com pesquisa sobre branquidade, moda e violência simbólica. Docente da UDESC, atua no Bacharelado em Moda e no PPGMODA, com foco em cultura visual, gênero, decolonialidade e diversidade na moda. Editora-chefe da revista ModaPalavra, coordena o Modateca e lidera grupo de pesquisa em Design de Moda e Sociedade.



A periferia como centro: táticas ativistas para criação estético-cultural
nos campos da arte, da moda e do design
Cristiany Soares dos Santos
Daniela Novelli

tactics designed to amplify aesthetic-cultural practices developed in peripheral territories, enabling these areas to be understood as fields of creative, political, and aesthetic potential. The research adopts a descriptive, qualitative, and applied approach, grounded in bibliographic and documentary review, as well as fieldwork that includes interviews with Black and peripheral creatives in Rio de Janeiro. The findings indicate that these tactics, shaped by activist foundations rooted in quilombismo, Afro-entrepreneurship, and cyberactivism contribute to strengthening the territory as a site of knowledge production and visual culture. They do so by articulating collectivity, economic autonomy, and symbolic struggle within creative fields. In this way, the study reaffirms peripheral territories as active centers of cultural, political, and aesthetic production, capable of advancing concrete challenges to the exclusionary structures that organize the fields of art, fashion, and design.

Keywords: Peripheral territories; Activist tactics; Creative production.

1. Introdução

As regiões periféricas do Rio de Janeiro, especialmente as zonas Norte, Oeste e partes da zona Central, são historicamente estigmatizadas e invalidadas em âmbito estético e cultural frente aos territórios valorizados pelas elites por serem associados à desordem, pobreza e marginalidade, enquanto as áreas centrais e nobres da cidade são reconhecidas como centros de cultura, sofisticação e produção artística. A presente legitimação acarretou a construção de um imaginário social inserido em uma lógica urbana e simbólica reprodutora de desigualdades históricas, desconsiderando o potencial criativo e o valor das manifestações culturais produzidas nas periferias.

Nos campos da arte, da moda e do design é possível observar que os criativos oriundos desses territórios sofrem com as dinâmicas de exclusão, com a falta de oportunidades e a dificuldade de acesso a circuitos institucionais de representação. Neste contexto, a marginalização dos territórios impacta tanto no processo de circulação dos trabalhos desses atores quanto na possibilidade de construir carreiras consolidadas dentro de padrões historicamente definidos pelas elites culturais.

No entanto, os agentes difusores criativos³ das periferias estão empenhados em desconstruir tais imaginários e reivindicar seus territórios como espaços de potência cultural e estética. Assim, a presente pesquisa,

3

No presente trabalho, os agentes difusores constituem um grupo de criativos que atuam simultaneamente como produtores e disseminadores de linguagens estéticas e culturais.

Nessa categoria, inserem-se criadores de moda, designers, artistas visuais e demais profissionais do campo criativo, sejam eles detentores de formação acadêmica formal ou provenientes de percursos autodidatas e empíricos.



A periferia como centro: táticas ativistas para criação estético-cultural
nos campos da arte, da moda e do design
Cristiany Soares dos Santos
Daniela Novelli

que compõe um estudo de dissertação de mestrado em Design de Vestuário e Moda da Universidade do Estado de Santa Catarina, tem como objetivo propor táticas ativistas que visam potencializar produções estético-culturais desenvolvidas em espaços periféricos. Ao reconhecer a importância do fortalecimento criativo em suas dimensões econômicas, institucional e difusora, abordam-se, aqui, fundamentos teóricos alicerçados na perspectiva decolonial, que sustentam bases ativistas quilombistas, afroempreendedoras e ciberativistas e contribuem para a consolidação de práticas estético-culturais manifestadas por agentes difusores negros e periféricos.

Portanto, a pesquisa contribui para diálogos contemporâneos sobre a diversidade criativa, a partir da compreensão das periferias como centros ativos de produção cultural, política e estética que apontam caminhos para que práticas criativas historicamente marginalizadas sejam reconhecidas e valorizadas. Ainda assim, é importante pontuar que esta é uma pesquisa qualitativa e descritiva, no qual a coleta de dados é baseada em um levantamento bibliográfico, documental e uma pesquisa de campo que incluiu entrevistas com criativos negros e periféricos do Rio de Janeiro a fim de compreender suas trajetórias, práticas e estratégias de enfrentamento às estruturas excludentes que organizam os campos da arte, da moda e do design.

2. Os Territórios periféricos do Rio de Janeiro e suas bases ativistas

No começo do século XX, já no pós-abolição, a cidade do Rio de Janeiro passou por um intenso processo de transformação urbana que se tratava de um projeto político em busca de construir a imagem de uma capital republicana alinhada aos ideais de civilização e progresso. A reforma conduzida por Pereira Passos inspirou-se diretamente no modelo parisiense de modernização urbana, adotando grandes avenidas, demolições em massa e uma lógica de ordenamento do espaço que atendia aos interesses das elites da época. No entanto, para além do discurso da modernidade, esse projeto teve como efeito central a eliminação simbólica e material das marcas deixadas pelas populações africanas escravizadas, especialmente



A periferia como centro: táticas ativistas para criação estético-cultural
nos campos da arte, da moda e do design
Cristiany Soares dos Santos
Daniela Novelli

nas áreas centrais e portuárias da cidade. Em outros termos, a reorganização do espaço urbano funcionou como um mecanismo de exclusão, ao mesmo tempo em que atendia às demandas econômicas, políticas e estéticas das classes dominantes republicanas (Silva, 2018).

Nesse contexto, torna-se evidente que a opressão atribuída ao processo de urbanização ainda se faz presente na contemporaneidade, ao atravessar as relações sociais e a organização simbólica para além das dimensões físicas e arquitetônicas do espaço urbano. De acordo com Andrade (2018), as dinâmicas sociais do presente são diretamente impactadas por um modelo de cidade que se estruturou de forma excludente em relação à população negra e pobre, uma vez que a reforma urbana atribuiu às favelas e às regiões periféricas a violência, a desordem e a marginalidade. O autor pontua ainda que os saberes, as memórias e as culturas provenientes da população escravizada e, posteriormente, liberta eram considerados exóticos e inadequados com o projeto de cidade republicana que se pretendia implementar (Andrade, 2018). A desvalorização dos territórios periféricos está associada à criminalização das práticas culturais das populações negras no início do século XX ao reprimir expressões culturais, religiosas e sociais dos povos escravizados. O projeto urbano reforçou estigmas e produziu uma narrativa que legitimou a exclusão desses territórios, perpetuando uma lógica de controle, silenciamento e desigualdade racial.

As favelas, assim como as periferias – como as zonas Norte e Oeste e partes da região central do Rio de Janeiro – tornaram-se espaços no qual a liberdade dos processos criativos estético-cultural possibilitaram o desenvolvimento de formas próprias de expressão, baseadas na experiência cotidiana, na memória e na resistência. Conforme argumenta Villaça (2010), as periferias, por meio de suas dinâmicas espaciais e de sua capacidade criativa, tensionam visões conservadoras e promovem a resignificação das representações do espaço urbano, estimulando a reflexão sobre formas alternativas de organização que rompem com a lógica tradicional das centralidades em oposição às margens.

A autora destaca ainda que esses territórios podem ser compreendidos como espaços férteis para a experimentação, tanto dos sujeitos que os constroem quanto daqueles que os habitam, no qual as periferias assumem



A periferia como centro: táticas ativistas para criação estético-cultural
nos campos da arte, da moda e do design
Cristiany Soares dos Santos
Daniela Novelli

um papel relevante na criação de soluções inovadoras, criativas, autônomas e sustentáveis (Villaça, 2010). No entanto, tais produções culturais e sociais permanecem, por longos períodos, silenciadas por um sistema midiático que, em geral, não reconhece esses espaços como legítimos produtores de discursos culturais (Faustini, 2009). Assim, as estruturas de dominação e de poder exercem sobre os corpos afro-diaspóricos brasileiros, e seus descendentes, desde o período colonial, uma memória que subalterniza, violenta e nega as manifestações dessas populações legitimando-as enquanto inferiores (Quijano, 2014).

Dado o exposto, é possível observar que criativos atuantes nos campos da arte, da moda e do design, provenientes de territórios identificados como periféricos no Rio de Janeiro, desenvolvem estratégias de atuação que podem ser compreendidas como práticas de (re)existência cultural e social que dialogam com o conceito de quilombismo que é definido como um projeto político elaborado por negros brasileiros, inspirado nas formas de organização da República dos Palmares, historicamente constituída no Brasil (Nascimento, 2019). Para o autor, o quilombismo se expressa por meio de práticas que podem se organizar para além do território, visto que estas são estruturas voltadas à organização econômica e social dessas comunidades (Nascimento, 2019, p. 255).

De acordo com Nascimento (2019), pensar a arte e as manifestações culturais a partir de um viés negro e periférico constitui, um movimento capaz de promover uma reestruturação do olhar sobre as estéticas produzidas e socialmente legitimadas no Brasil. Em outros termos, trata-se de um deslocamento político que questiona padrões hegemônicos criativos e valores culturais a partir da abertura de espaços para outras formas de produção simbólica.

De modo geral, os entrevistados compreendem seus trabalhos como resultantes da articulação entre expressões individuais e uma realidade social frequentemente invisibilizada pelas elites econômicas e culturais. Ainda que apresentem estilos e métodos distintos, é comum entre eles o desejo de traduzir, em suas produções, referências, memórias e elementos singulares de seus territórios transformando-os em matéria-prima criativa e em instrumentos de afirmação estética, cultural e política.



A periferia como centro: táticas ativistas para criação estético-cultural
nos campos da arte, da moda e do design
Cristiany Soares dos Santos
Daniela Novelli

Dado o exposto, o empreendedorismo pode ser considerado como uma estratégia de sobrevivência e de busca por autonomia financeira, configurando-se enquanto uma forma de enfrentamento ao racismo estrutural, ainda que os espaços empreendedores não estejam isentos das desigualdades e discriminações que permeiam a sociedade (Souza, 2023). Ao serem questionados sobre as principais motivações para empreender, as respostas dos entrevistados sinalizam a importância de uma motivação pessoal e uma conexão emocional com suas respectivas áreas criativas. Assim a paixão, a identificação pessoal, a busca por representatividade ou, simplesmente, o desejo de impactar positivamente suas comunidades são componentes cruciais na jornada de cada indivíduo que se revela engajado com os princípios do afroempreendedorismo. É importante ressaltar que esses princípios vão além do aspecto econômico, visto que a intenção de empreender por parte dos indivíduos negros e periféricos é também promover inclusão, representatividade e empoderamento dentro de contextos marcados pelo racismo estrutural, busca construir um futuro mais justo e equitativo para as comunidades negras e periféricas.

O empreendedorismo desenvolvido por sujeitos negros e periféricos configura-se como uma prática tanto política quanto social, uma vez que esses empreendedores estruturam os seus negócios com base em saberes, memórias e referências ancestrais que afirmam identidades culturais historicamente marginalizadas, para além da lógica econômica. Desse modo, o afroempreendedorismo pode ser compreendido como uma forma de ação econômica que se articula diretamente com o ativismo antirracista, ao enfrentar, ainda que de maneira situada, as desigualdades produzidas pelo racismo estrutural (Nascimento, 2018). Dito isso, entende-se que

o afroempreendedorismo se difere do empreendedorismo por especificidades que vão para além do "afro" na palavra, por mais que não exista um significado geral que possa ser encontrado em um dicionário, o afroempreendedorismo estimula debates e reflexões que nos levam a pensar em maneiras de reafirmação de um povo que já empreende há mais de 300 anos (Sellis, 2023).



A periferia como centro: táticas ativistas para criação estético-cultural
nos campos da arte, da moda e do design
Cristiany Soares dos Santos
Daniela Novelli

Ainda assim, o afroempreendedorismo pode ser compreendido como uma estratégia de enfrentamento à vulnerabilidade econômica e social da população negra, grupo historicamente impactado pelas transformações no mercado de trabalho (Nascimento, 2018). No contexto brasileiro, tal prática atua como um importante aliado da população negra e periférica ao contribuir para a geração de empregos e para a construção de referenciais econômicos e estéticos positivos, capazes de influenciar diretamente a autoestima e o reconhecimento social desses sujeitos. No entanto, ao longo das entrevistas, ficou evidente as dificuldades enfrentadas pelos profissionais criativos das áreas periféricas do Rio de Janeiro, onde o reconhecimento e as oportunidades são escassos.

As mídias sociais configuram-se como instrumentos estratégicos para a difusão de discursos capazes de tensionar e ressignificar o imaginário negativo associado às produções estético-culturais oriundas das periferias brasileiras. Tais plataformas tornam-se espaços centrais de atuação do movimento negro na moda, campo que, ao longo de sua trajetória, tem marginalizado e invisibilizado essas expressões. Assim, as plataformas digitais configuram ambientes virtuais que permitem a circulação de informações, a troca de ideias e o compartilhamento de experiências em diferentes formatos, como redes sociais, espaços de publicação de vídeos e fóruns de debate.

De acordo com Passarelli *et al.* (2010, p. 216), esses ambientes correspondem a uma base tecnológica pensada e apropriada socialmente para produzir, organizar, acessar, difundir, comunicar e transformar os fluxos de informação. Para além de sua dimensão técnica, tais plataformas possibilitam a formação de redes entre distintos atores sociais, favorecendo novas dinâmicas de comunicação e interação, frequentemente mobilizadas por discursos politicamente engajados por perspectivas construtivistas. Nesse contexto, os espaços midiáticos da cibercultura assumem um papel relevante ao possibilitar que grupos historicamente marginalizados ampliem sua visibilidade pública e fortaleçam debates fundamentais em torno de suas demandas e lutas sociais (Maciel, 2017).

Para as comunidades negras e, de modo particular, para os sujeitos oriundos das periferias, os ciberespaços constituídos no contexto da



A periferia como centro: táticas ativistas para criação estético-cultural
nos campos da arte, da moda e do design
Cristiany Soares dos Santos
Daniela Novelli

cibercultura podem ser compreendidos como territórios de “reexistência”, entendida como uma afirmação humana, étnica e cultural. Em outros termos, trata-se de um processo no qual a população negra se engaja em práticas de libertação simbólica e política, assumindo o protagonismo na construção e na narrativa de sua própria história (Nascimento, 2019). De acordo com Maffesoli (2007), o *ethos* comunitário pode ser entendido como um conjunto de elementos que se constrói a partir do compartilhamento de sentimentos, valores, lugares e ideais comuns que fortalece o sentimento de pertencimento entre os indivíduos. Ainda que tais elementos estejam ligados a contextos locais específicos, eles aparecem, de diferentes modos, em diversas experiências sociais que são responsáveis por revelar a importância das relações e das vivências compartilhadas na formação da vida em comunidade.

Dado o exposto, compreende-se que as comunidades periféricas operam como territórios históricos de enfrentamento às lógicas coloniais que estruturam a sociedade brasileira, configurando-se como espaços de produção política, simbólica e econômica que desafiam continuamente os regimes hegemônicos de visibilidade, valor e legitimidade. Para além de uma posição marginal no sentido de ausência ou, até mesmo, carência, tais territórios podem ser compreendidos como zonas ativas de elaboração de saberes, estéticas e estratégias de sobrevivência que se inscrevem em uma longa tradição de resistência negra. Nesse sentido, o quilombismo se apresenta como um ponto fundamental para compreender as formas coletivas de (re)existência articuladas por sujeitos negros e periféricos, ao evidenciar práticas que se estruturam a partir da coletividade, da ancestralidade, da autonomia e da produção de sentidos contra hegemônicos.

O afroempreendedorismo se configura como expressão contemporânea do quilombismo, articulando autonomia econômica, memória ancestral e ação política frente ao racismo estrutural, no qual gerar renda significa disputar narrativas e reivindicar dignidade. O ciberativismo, por sua vez, amplia a circulação de produções periféricas para além das barreiras impostas pelo campo cultural hegemônico, fortalecendo redes de visibilidade e pertencimento. A articulação entre essas três dimensões — quilombismo, afroempreendedorismo e ciberativismo — constitui um campo de práticas ativistas que opera simultaneamente nos níveis



econômico, simbólico e político, reconfigurando as periferias como centros produtores de cultura, conhecimento e inovação.

3. Metodologia

A pesquisa de campo inicia-se a partir do mapeamento de potencialidades criativas nos campos de arte, moda e design, a fim de identificar e compreender as dinâmicas de inclusão e representação de indivíduos negros oriundos de regiões periféricas dentro dessas áreas criativas. Com o intuito de adentrar nos ecossistemas criativos, a presente investigação iniciou-se por meio de uma abordagem focada na observação do evento “Arte Rio”, uma plataforma importante para a identificação de agentes criativos, que se destaca como um dos principais vetores de exposição para novos artistas na cidade do Rio de Janeiro.

Durante a observação, percebeu-se que os criativos frequentemente se engajavam em múltiplas frentes de trabalho, pois suas atividades não se limitavam exclusivamente à arte, à moda ou ao design. Ou seja, provavelmente um criativo que trabalha no campo da arte também versa no campo do design e/ou da moda. Ainda assim, constatou-se que maioria dos criativos mapeados não possuía formação acadêmica formal, o que reflete tanto barreiras socioeconômicas quanto a valorização cultural de um aprendizado mais prático e autodidata.

A fim de averiguar essas e outras questões, delimitou-se como critério de seleção dos criativos entrevistados que estes tivessem uma atuação em pelo menos dois dos três campos criativos especificados: arte, moda e design. Tal estabelecimento visou garantir a interdisciplinaridade dos perfis analisados, refletindo a natureza flexível das carreiras criativas na contemporaneidade. A intersecção entre diferentes áreas criativas permitiu ainda explorar como as habilidades e os conhecimentos se entrelaçam, potencializando criação de novas linguagens estéticas e visuais (Quadro 1).

Quadro 1 – Mapeamento dos criativos entrevistados.

ZONA (RJ)	CRIATIVO	MODA	ARTE	DESIGN
Zona Oeste	Entrevistado 1	x	x	
Zona Norte	Entrevistado 2		x	x
Zona Oeste	Entrevistado 3		x	x
Zona Norte	Entrevistado 4	x		x
Centro	Entrevistado 5	x	x	x

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

A seleção geográfica focadas nas Zonas Norte, Oeste e Centro do Rio de Janeiro visou capturar a diversidade de contextos urbanos e culturais, reconhecendo que o território influencia diretamente as práticas criativas. Já a escolha dos entrevistados foi estruturada para apoiar os objetivos da pesquisa e aprofundar a compreensão das dinâmicas que configuram os campos de arte, moda e design no cenário criativo periférico carioca.

4. As Táticas Periféricas e o Fortalecimento das Produções Estético-Culturais das Periferias Cariocas

As táticas propostas foram desenvolvidas a partir das realidades das comunidades periféricas das Zonas Norte, Central e Oeste do Rio de Janeiro, territórios compreendidos como campos potentes de produção de sentidos e saberes. Fundamentadas no afroempreendedorismo, quilombismo e ciberativismo, essas táticas emergem das experiências históricas de exclusão e das práticas cotidianas de resistência dos criativos entrevistados. Historicamente afastadas dos centros de poder e deslegitimadas pelas heranças escravocratas que estruturam o imaginário social brasileiro, as territorialidades periféricas se definem pela produção de formas próprias de organização, saberes situados e estéticas insurgentes que tensionam as representações hegemônicas nos campos da arte, da moda e do design.

Nesse arranjo, as táticas periféricas operam como respostas estratégicas às desigualdades estruturais, mobilizando recursos econômicos, simbólicos e comunicacionais para disputar visibilidade, reconhecimento

A periferia como centro: táticas ativistas para criação estético-cultural
nos campos da arte, da moda e do design
Cristiany Soares dos Santos
Daniela Novelli

e autonomia. O afroempreendedorismo fortalece a materialidade dessas ações ao criar alternativas econômicas enraizadas na identidade e na coletividade; o quilombismo oferece fundamento histórico, cultural e político, ancorando as táticas em práticas de resistência e pertencimento; e o ciberativismo amplia o alcance dessas estratégias ao tensionar narrativas hegemônicas e articular redes para além dos limites territoriais.

A cidade tem muitas alternativas culturais assim, cheio de oportunidades. Tem eventos diretos, exposições e pá... E foi muito isso que me fez sair de Niterói pra cá. É muito bom pra quem tá na cena artística e quer circular, ser visto assim... Mas por outro lado, a realidade é outra porque a gente sabe que acaba, tudo acaba caindo no mesmo ciclo, na mesma bolha. Pô, a falta de reconhecimento que a gente tinha falado e até mesmo de apoio, pra quem é artista da favela é absurda. Tem? Tem! Mas é muito mais complicado a gente conseguir espaço em eventos, em feiras... A maioria dos lugares privilegia os mesmos nomes já conhecidos e acaba deixando a gente de lado (Entrevistado 5, 2024, informação verbal).

O cenário criativo, em particular na moda, é mencionado, pelo entrevistado 4, como desafiador devido à sua natureza centralizada, compostas por “bolhas”, clamando por ações que promovam a inclusão desses talentos na indústria, especialmente dentro do cenário carioca. Assim, os estigmas associados aos espaços periféricos refletem diretamente nas trajetórias criativas dos agentes difusores, atravessados por critérios implícitos de exclusão organizadas em “bolhas”. Neste sentido, as dificuldades relatadas pelos entrevistados são efeitos de uma lógica colonial que organiza o urbano a partir da oposição centro e periferia (Villaça, 2010).

Neste contexto, as mídias sociais (*Instagram, Facebook, Twitter*) emergem como ferramentas fundamentais para os criativos negros e periféricos alcançarem um público mais amplo e superarem as limitações geográficas e estruturais do cenário criativo, uma vez que essas plataformas proporcionam visibilidade, fazendo com que os talentos emergentes se conectem diretamente com outras pessoas, contornem as barreiras



A periferia como centro: táticas ativistas para criação estético-cultural
nos campos da arte, da moda e do design
Cristiany Soares dos Santos
Daniela Novelli

tradicionais de acesso à indústria criativa e desempenhem um papel essencial para a ampliação das oportunidades para os profissionais criativos das periferias. O entrevistado 1 pontua que “o Instagram foi muito importante pra Piña. Depois que eu iniciei minha primeira loja virtual, fui me dedicando mais por causa do retorno que recebia também... Isso estimula bastante, ver resultados” (Entrevistado 5, 2026, informação verbal).

Em contextos urbanos atravessados pela marginalização histórica e pelas desigualdades raciais e socioeconômicas, a coletividade emerge como estratégia fundamental para o enfrentamento dos desafios estruturais e para a construção de alternativas de existência e permanência nos campos da arte, da moda e do design. Nesse sentido, a fala dos entrevistados 1 e 3 ao fazer menção à importância de envolver pessoas da própria comunidade em projetos criativos evidencia uma prática política que visa fortalecer vínculos locais e ampliar a visibilidade das produções periféricas apoiadas nos espaços digitais.

Estou sempre construindo redes e trazendo que é da baixada pra cá pro Rio pra trabalhar sempre comigo, sempre falo com os meus amigos que a gente precisa se fortalecer, ajudar uns aos outros... Quando sei de projetos, sempre compartilho porque às vezes até eu acho que vivo em uma bolha, pra furar isso eu tento sempre mesmo sendo difícil, tendo muitas dificuldades... Eu sou muito grato porque tô conseguindo, entrando devagarzinho, porque eu tenho um objetivo, eu sei o que é que eu quero (Entrevistado 3, 2024, informação verbal).

Ainda assim, o entrevistado 1 reitera que

Quando eu expus a primeira vez com o coletivo, geral ficou felizão. Foram, me prestigiaram. [...] A gente representa ali nossa realidade, tá ligado? Quer eles queiram ou não, é isso! Fora os que trabalharam comigo e viram as peças sendo expostas também, foi irado! Os crias vê que dá pra fazer o que a gente gosta de fazer, tipo que dá pra sonhar sabe? (Entrevistado 1, 2024, informação verbal).



A periferia como centro: táticas ativistas para criação estético-cultural
nos campos da arte, da moda e do design
Cristiany Soares dos Santos
Daniela Novelli

De modo geral os entrevistados assumem o compromisso em representarsuascomunidadeseculturaspor meio de seus trabalhos artísticos, reconhecendo a importância de suas experiências pessoais e criando oportunidades para si e para outros membros de suas territorialidades, reiterando a determinação em ser uma voz ativa difusora.

Dito isso, estruturou-se as táticas a partir de três estágios diferentes que consideram os níveis de envolvimento, maturidade crítica e enraizamento territorial dos sujeitos criativos. As táticas foram organizadas em três estágios conforme o nível de maturidade e enraizamento territorial dos criativos. O primeiro voltado à aproximação e escuta dos contextos locais e saberes ancestrais; o segundo ao estreitamento de vínculos com o território e com memórias coletivas; e o terceiro aos criativos já estabelecidos que buscam ampliar o impacto político e pedagógico de suas práticas. Ainda que as perspectivas das táticas ativistas estejam organizadas por níveis de experiência, sua aplicação não é linear nem obrigatória. Em qualquer estágio os criativos podem livremente incorporar elementos de outros níveis conforme suas necessidades e contextos.

O nível iniciante, é marcado por táticas que se organizam a partir da escuta e do reconhecimento das comunidades periféricas como sujeitos ativos de produção cultural, política e simbólica, marcado pelo compromisso com o território e com as pessoas que o constituem. Dito isso, a participação em eventos locais, como festivais, feiras, encontros comunitários e manifestações culturais, atua como uma tática de inserção no cotidiano das periferias, visto que tais espaços funcionam como territórios de sociabilidade e, sobretudo, produção de sentido que são fundamentais para compreender como as comunidades elaboram coletivamente suas experiências, demandas e formas de resistência. Além disso, a visita a espaços culturais periféricos é uma função estratégica de reconhecimento político da cultura como campo de disputa e afirmação identitária que permite ampliar a compreensão sobre as estéticas periféricas como formas legítimas de conhecimento e expressão social.

Outra função primordial das táticas iniciais é o reconhecimento e o respeito às diferenças culturais e estéticas entre as periferias. Cada território é atravessado por histórias, temporalidades e referências próprias.



A periferia como centro: táticas ativistas para criação estético-cultural
nos campos da arte, da moda e do design
Cristiany Soares dos Santos
Daniela Novelli

Neste contexto, a pesquisa, a escuta atenta e a educação crítica tornam-se ferramentas fundamentais para compreender como essas identidades foram historicamente construídas e como continuam sendo negociadas no presente. Ainda assim, é importante pontuar que a documentação das tradições orais, das práticas artesanais e das expressões culturais periféricas cumpre uma função política de preservação da memória coletiva e de enfrentamento ao apagamento histórico. O registro das narrativas, dos saberes transmitidos oralmente, das técnicas artesanais e das manifestações culturais reconhecem tais práticas como patrimônios legítimos produzidos por sujeitos historicamente marginalizados, bem como valoriza as estéticas negras e periféricas enquanto produções simbólicas que expressam visões de mundo, formas de resistência e projetos de futuro.

Por fim, o trabalho voluntário em eventos culturais periféricos funciona como uma tática de aprendizado situado e compromisso prático. Ao atuar nos bastidores dessas iniciativas, o sujeito iniciante passa a compreender as dinâmicas organizativas, os limites estruturais e as estratégias coletivas que sustentam a produção cultural nas periferias. Mais do que prestar apoio operacional, o voluntariado possibilita a construção de relações horizontais, o desenvolvimento de responsabilidades éticas e o fortalecimento de redes locais, fundamentais para qualquer atuação futura que se pretenda politicamente comprometida e socialmente responsável.

As táticas no nível intermediário passam a cumprir a função de mediação estrutural entre a produção cultural periférica e os circuitos institucionais, econômicos e simbólicos da arte, da moda e do design. Diferente da etapa inicial, o foco desloca-se da aproximação para a redistribuição de oportunidades que vão de encontro às práticas que limitam o acesso das comunidades periféricas aos mercados culturais formais. O acesso ao mercado criativo constitui uma tática estratégica de reconhecimento e valorização material do trabalho criativo periférico a partir da criação de oportunidades concretas de exposição, circulação e comercialização em galerias, feiras, festivais, instituições culturais e parcerias com marcas. Ao organizar exposições, curadorias temáticas ou espaços dedicados à exibição e venda de produções periféricas, essas táticas operam como mecanismos de disputa dos regimes de legitimidade



A periferia como centro: táticas ativistas para criação estético-cultural
nos campos da arte, da moda e do design
Cristiany Soares dos Santos
Daniela Novelli

que tradicionalmente excluem esses sujeitos dos espaços de consagração cultural.

O envolvimento direto de membros das comunidades periféricas nos processos criativos cumpre uma função política que auxilia na desconstrução das lógicas tradicionais de representação junto a metodologias colaborativas que garantem que as estéticas criativas sejam construídas coletivamente. A criação de espaços de diálogo e coautoria é de extrema importância para a produção de expressões culturais alinhadas às experiências vividas pelas comunidades, ao mesmo tempo em que atua na desconstrução do imaginário que reduz a produção periférica a estereótipos ou discursos de carência.

A busca por parcerias entre criativos, instituições culturais e organizações comunitárias de diferentes territórios além de ampliar o alcance das produções, sendo, também, compreendida enquanto uma tática de articulação em rede e fortalecimento coletivo. O diálogo com organizações locais possibilita uma leitura mais precisa das demandas e contextos específicos, aumentando a relevância social e política das produções culturais. Além disso, a difusão das potencialidades das comunidades periféricas por meio da criação de espaços de liderança e visibilidade para artistas locais é uma tática de redistribuição de poder simbólico, visto que essas são ações que fortalecem o protagonismo local e rompem com dinâmicas hierárquicas que relegam esses sujeitos a posições subalternas. A criação de espaços físicos e virtuais de encontro, criação e gestão cultural contribui para consolidar as periferias como polos ativos de produção cultural, inovação estética e política.

No nível avançado, as táticas assumem a função de consolidação, sustentação e projeção política das culturas periféricas. Nesse estágio os agentes criativos que possuem reconhecimento público e acesso a redes ampliadas passam a ocupar uma posição estratégica, na qual suas práticas impactam diretamente os modos de preservação, circulação e reinvenção das narrativas periféricas. Assim, esses são incentivados a atuarem como guardiões da cultura local a fim de preservar a memória coletiva, evitando seu apagamento ou apropriação descontextualizada. A mobilização de recursos para iniciativas comunitárias é uma tática de fortalecimento da



A periferia como centro: táticas ativistas para criação estético-cultural
nos campos da arte, da moda e do design
Cristiany Soares dos Santos
Daniela Novelli

autonomia e da capacidade de resistência das periferias. Por meio da articulação de financiamentos, campanhas de arrecadação e parcerias institucionais, é possível sustentar programas culturais, ações de formação profissional e iniciativas de empreendedorismo criativo que atuam enquanto bases duradouras de desenvolvimento cultural e econômico, ampliando as condições de permanência e continuidade dos projetos locais.

A criação de programas estruturados de formação e mentoria para jovens talentos periféricos cumpre a função estratégica de garantir a reprodução ampliada das culturas periféricas e possibilitando que novas gerações de artistas, designers e produtores culturais desenvolvam trajetórias sustentáveis no campo criativo, fortalecendo a identidade cultural dos territórios, bem como assegurando que suas narrativas sejam produzidas e conduzidas por sujeitos oriundos das próprias comunidades. O incentivo à inovação e à experimentação em suas práticas criativas, explorando novas formas de expressão e colaboração que contribuam para a evolução das culturas periféricas é uma maneira de proporcionar um ambiente propício à criatividade, onde os artistas se sintam encorajados a assumir riscos e a explorar novas ideias, podendo envolver a criação de espaços de trabalho colaborativos, residências artísticas, laboratórios de criação e outros locais onde os artistas possam se reunir, compartilhar ideias e experimentar livremente. Ao afirmar a periferia como espaço de potência criativa essas táticas reforçam o orgulho territorial e reconhecem as especificidades periféricas como motores de invenção estética, política e cultural.

Dado o exposto, as táticas periféricas formuladas nesta pesquisa emergem como respostas políticas, articuladas a partir das bases ativistas do quilombismo, do afroempreendedorismo e do ciberativismo, que são fundamentais para atuar frente às necessidades identificadas nos relatos, especialmente no que se refere à falta de reconhecimento, escassez de oportunidades, centralização dos circuitos culturais e à precarização das condições de permanência no campo criativo.

A gente enfrenta uma série de barreiras que muitas vezes não são percebidas por quem não está na mesma pele que a gente. Tem toda a questão do acesso aos



A periferia como centro: táticas ativistas para criação estético-cultural
nos campos da arte, da moda e do design
Cristiany Soares dos Santos
Daniela Novelli

recursos, né? A gente não tem as mesmas oportunidades que outros empreendedores [brancos], tem também o preconceito e a discriminação que a gente enfrenta no dia a dia. Desde o olhar torto na hora até as dificuldades em conseguir parcerias e oportunidades. A burocracia e a falta de políticas de apoio específicas também são obstáculos enormes pra gente. É uma luta constante... (Entrevistado 2, 2024, informação verbal).

Por serem estabelecidas com base nas práticas ativistas formadas a partir do quilombismo, as táticas desenvolvidas são imprescindíveis na recuperação das tradições históricas que visam promover a coletividade enquanto uma forma de (re)existir às dinâmicas excludentes, bem como possibilitar aos criativos que construam alternativas fundamentadas na ancestralidade e nas memórias que cercam tanto suas comunidades quanto os seus territórios.

No que diz respeito a precarização econômica, as falas dos entrevistados apontam que o empreendedorismo surge, por vezes, enquanto uma estratégia de sobrevivência antes de configurar-se, de fato, uma escolha vocacional. Em seus escritos, Vilela (2022) chama atenção para a romantização que é construída em torno do empreendedorismo negro, por ultrapassar a lógica econômica e atuar enquanto um instrumento político que reafirma as identidades negras e periféricas frente aos campos econômicos. Em outros termos, o afroempreendedorismo se apresenta como uma base imprescindível para corroborar as táticas periféricas enquanto uma potência para construir sua autonomia financeira por um viés crítico e político perante as estruturas tradicionais que as invisibilizam. A demanda por controle das próprias narrativas e ampliação da visibilidade surge de forma transversal nos relatos, especialmente diante da estigmatização das produções periféricas.

É fogo, né? Infelizmente, é algo que a gente vê acontecendo direto. E olha, acho que tem várias coisas por trás desse incomodo, mas a principal é o medo. Muitas vezes não quer encarar a realidade das favelas de frente, porque isso é praticamente admitir que tem algo errado acontecendo... E a nossa arte, ela mostra



A periferia como centro: táticas ativistas para criação estético-cultural
nos campos da arte, da moda e do design
Cristiany Soares dos Santos
Daniela Novelli

essa realidade sem filtro, sem maquiagem. É a nossa forma de contar as nossas histórias, de denunciar as injustiças e de lutar por mudanças. Isso incomoda muita gente, porque mexe com a zona de conforto delas. Mas a gente não pode se calar, mano. É justamente nesses espaços de resistência que a gente encontra força pra continuar lutando pelos nossos direitos e pela nossa voz (Entrevistado 5, 2024, informação verbal).

Ainda assim reitera-se que “Eles sabem que a gente produz, mas não valorizam. Eu já vesti Anitta mais de uma vez e nunca tive oportunidade de ir pra um evento grande de moda. A gente que é da periferia tem pouca oportunidade, se a gente entra em um evento desses grande a gente barulharia (Entrevistado 1, 2024, informação verbal). Nesse contexto, o ciberativismo assume centralidade enquanto estratégia política incentivando o uso crítico das mídias sociais e possibilitando aos criativos negros e periféricos disputarem o imaginário social, ampliarem o alcance de suas representações e, sobretudo, das suas produções criativas para além das barreiras territoriais e institucionais impostas pelo campo cultural hegemônico.

Dessa forma, as táticas periféricas, ao articularem quilombismo, afroempreendedorismo e ciberativismo, configuram-se como manifestações políticas que atuam diretamente nas demandas expostas pelos agentes difusores negros e periféricos, bem como tensionam as estruturas coloniais que organizam os campos de arte, moda e design. Ao reivindicar o território, físico e digital, como espaço legítimo de produção de conhecimento, valor e existência, tais táticas reconfiguram as periferias como centros ativos de criação estética, econômica e política, deslocando o eixo das narrativas hegemônicas e afirmando outros modos possíveis de criar, empreender e existir.

5. Conclusão

As periferias, que são comumente lidas como territórios carentes fadados à desordem, emergem nesta pesquisa como locais ativos de produção de saberes, estéticas e estratégias políticas. A análise das



A periferia como centro: táticas ativistas para criação estético-cultural nos campos da arte, da moda e do design
Cristiany Soares dos Santos
Daniela Novelli

trajetórias de criativos negros e periféricos revelou que suas práticas não podem ser compreendidas apenas como expressões individuais ou iniciativas empreendedoras isoladas, visto que estas se configuram como ações políticas ancoradas em experiências coletivas, memórias ancestrais e vínculos territoriais, articulando quilombismo, afroempreendedorismo e ciberativismo como bases ativistas interdependentes. Em outros termos as bases ativistas operam como estratégias de sobrevivência material, afirmação identitária e disputa simbólica, evidenciando que criar, empreender e comunicar, nesses contextos, são atos profundamente políticos.

Dito isso, a formulação das táticas periféricas, organizadas nos níveis iniciante, intermediário e avançado, devem ser compreendidas como dispositivos estratégicos situados, capazes de orientar práticas comprometidas enquanto fortalecimento das culturas periféricas a partir do território, da coletividade e da memória, visando a transformação estrutural dos campos da arte, da moda e do design por meio da redistribuição concreta de poder e legitimidade. Ao articular territórios periféricos, bases ativistas e produção de táticas periféricas como enfrentamento estrutural, reafirma-se que as periferias não demandam reconhecimento a partir do centro, pois já produzem seus próprios sistemas de valor, estética e existência. O reconhecimento dessas territorialidades, físicas e digitais, como espaço de potência que possibilita que as formas de criar e existir sejam projetadas para o futuro do design, da arte e da cultura estão alinhadas com os referenciais culturais e estéticos produzidos nas margens.

Referências

ANDRADE, Vanessa de Araujo. A reforma Pereira Passos, a memória da escravidão e algumas implicações socia. Mosaico, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, p. 86, 9 dez. 2018. Fundação Getulio Vargas. <http://dx.doi.org/10.12660/rm.v9n15.2018.76897>. Disponível em: [https://www.google./](https://www.google/)

FAUSTINI, Marcus Vinícius. Guia Afetivo da Periferia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

MACIEL, Betania. Redes sociais, ciberativismo e grupos marginalizados: reconhecimento do campo a partir da teoria folk comunicacional. Revista



Internacional de Folkcomunicação, [S.L.], v. 15, n. 35, p. 16-30, 11 jan. 2018.
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

MAFFESOLI, M. O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno.
Rio de Janeiro: Record, 2007.

NASCIMENTO, Abdias. O Quilombismo. 3. ed. São Paulo: Perspectiva,
2019.

NASCIMENTO, Eliane Q. (2018) Afroempreendedorismo como estratégia
de inclusão socioeconômica. PGCS UFES. 12 a 14 de novembro de 2018,
UFES, Vitória-ES.

PASSARELLI, Brasilina; GRISOLIA, Daisy; TAVERNARI, Mariana. O
Observatório Da Cultura Digital: A Nova Linha De Pesquisa Da Escola Do
Futuro Da USP. Observatório da Cultura Digital, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 210-
220, maio 2010.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.
Buenos Aires: Clacso, 2005.

SELLIS, Lillian Aparecida Vieira. Escurecendo sobre o afroempreendedorismo
e black money no Triângulo Mineiro. 2023. 19 f. Trabalho de Conclusão
de Curso (Graduação em Ciências Contábeis) – Universidade Federal de
Uberlândia, Ituiutaba, 2023.

SOUZA, Livia Barbosa Pacheco. DISCUTINDO O
AFROEMPREENDEDORISMO E A EDUCAÇÃO: reflexões sobre os conceitos
e impactos sociais. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e
Educação, [S.L.], v. 9, n. 5, p. 567-585, 31 maio 2023.

VILELA, Verdi Lazaro Alves. Moda Afro-Brasileira E A Arte De (Re)Existir:
mapa de ativismo e aquilombamento no desenvolvimento de marcas
antirracistas. 2022. 239 f. Dissertação (mestrado) - Curso de Design de
Vestuário e Moda, Pós- Graduação em Design de Vestuário e Moda,
Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2022. Disponível
em: https://www.udesc.br/arquivos/ceart/id_cpmenu/9601/Verdi_Lazaro_Alves_Vilela_Disserta_o_16651769307. Acesso em: 20 out. 2022.



A periferia como centro: táticas ativistas para criação estético-cultural
nos campos da arte, da moda e do design
Cristiany Soares dos Santos
Daniela Novelli

VILLAÇA, Nizia. Mixologias: comunicação e consumo. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.